

A POTENCIAL AMEAÇA DO TERRORISMO INTERNACIONAL.

“A prevenção é sempre melhor que a cura” (Erasmus)

Muito afortunadamente, o terrorismo não se manifesta em nosso país, pelo que se verifica uma conseqüente dificuldade de considerá-lo como uma ameaça real. Sua aparição nos noticiários internacionais passa a impressão de que se trata de moléstia social e política que assola tão somente regiões conflagradas por conflitos, em geral distantes, ou que afeta apenas aquelas potências que aceitam o risco como algo inerente ao seu papel de protagonista da cena mundial.

Assim, se olvidam, muitos, que o fenômeno da globalização não significa apenas rapidez nos procedimentos de informação e comunicações, assim como o intercâmbio mais fluido de bens e serviços, mas, também, nos avizinha, mais do que percebemos, de países onde essa classe de ameaça desempenha papel ativo e para a qual as fronteiras nacionais são apenas convenções irrelevantes.

Com efeito, um aspecto importante referente ao terrorismo é o que se refere à amplitude de sua ação operacional: em época de globalização, o mundo inteiro pode se converter em teatro de operações. Os alvos do terrorismo podem ser alcançados em todos os quadrantes e a estratégia de ação indireta lhe impele a golpear o inimigo principal também em teatros de operações secundários, onde as medidas de segurança sejam, supostamente, menos rígidas e, portanto, as facilidades operacionais otimizadas.

Fortalece a opção pela ação em áreas periféricas a constatação de que o efeito demonstração e a visibilidade do ato – uma necessidade do terrorismo – são, no mundo globalizado, imediatamente alcançáveis pela televisão, internet e outros veículos de informação. A lógica do terrorismo estabelece que qualquer país pode, eventualmente, ser palco de uma ação terrorista.

É do conhecimento geral que uma das características da guerra assimétrica é o emprego do elemento surpresa, circunstância que faculta ao agressor determinar onde, quando e como executar a sua ação. Isso lhe garante a necessária iniciativa estratégica (operacional ou tática, de acordo com o nível de engajamento) e a conseqüente imprevisibilidade, fatores essenciais quando o agressor é a parte mais fraca, como ocorre nos conflitos assimétricos.

Ao contrário do que se imagina, os atentados de 11 de setembro de 2001, nos EUA, não foram uma trovada em céu azul. Embora as dimensões da ação e o elevado número de vítimas, essa nova forma de terrorismo já se prenunciava anos antes, nos atentados contra o próprio World Trade Center e contra embaixadas norte-americanas em países africanos. Conforme demonstraram os vários relatórios e inquéritos conduzidos nos Estados Unidos, pós 11 de setembro, falhou a inteligência em identificar os vários indícios de atividade terrorista; falhou, igualmente, em compartilhar, entre as diferentes agências, as evidências disponíveis; por último, embora não menos importante, falhou em atribuir demasiada importância à captação de dados por meios eletrônicos e, em descompasso, dedicar menor relevância às fontes humanas. Falhou, por fim, em compreender as novas tendências do terrorismo e em mensurar as possibilidades de ataque em seu próprio território.

As novas tendências do terrorismo internacional são claramente delineadas e apontam para cenários que mostram a crescente dificuldade para assinalar os agentes do terrorismo, devido à sua dispersão e, principalmente, autonomia, bem como à sua arquitetura organizacional não-estruturada, ao contrário das organizações terroristas atuantes nos anos

setenta e oitenta do século passado, baseadas em modelos ideológicos e com objetivos revolucionários e/ou independentistas. Mesmo o modus-operandi da *Al-Qaeda* e grupos associados está se modificando de forma perceptível desde os atentados de 2001, nos EUA. Com efeito, não são os integrantes do núcleo central da *Al-Qaeda* que praticam as ações, porém pessoas que estão na periferia da organização e mesmo outras que não têm qualquer contato com a mesma, porém emulados por suas ações e pelo desejo de atingir os que, no seu entender, conspiram contra seu credo religioso e cultural. Nesse quadro, pessoas insuspeitas associam-se em pequenas células ou agem individualmente, por impulso, se auto-imolando em ações punitivas.

Oportuno, nesse contexto, é o estudo feito por Marc Sageman (1) com base em estatísticas de material biográfico de dezenas de integrantes da *Al-Qaeda*, que derruba, de forma definitiva, alguns mitos sobre o terrorismo. De acordo com as evidências reunidas por aquele autor, a maioria dos praticantes dos principais atos terroristas dos últimos anos não veio do Oriente Médio, mas já estava radicada no Ocidente há vários anos; não eram pobres, nem ignorantes ou mesmo jovens ingênuos recrutados em “*madrassas*”(2), porém pessoas de classe média, em famílias razoavelmente bem estabelecidas, muitos com cursos universitários, empregos fixos e, em alguns casos, recrutados por amigos ou familiares com histórias de luta ou envolvimento com organizações ditas “*ihadistas*” ou de audiência a clérigos com uma visão radical do Islã. Por último, Sageman conclui que, ao contrário da crença geral de que se tratavam de desajustados, criminosos comuns ou indivíduos com transtornos de personalidade, essas eram, em sua maioria, pessoas sem antecedentes criminais e nenhum caso de doença mental registrado.

A maioria dos novos terroristas são jovens nascidos no Ocidente, de famílias islâmicas ou convertidos, na faixa dos vinte e poucos anos de idade, recrutados pelo apelo convocatório veiculado pelos inúmeros *sites* islâmicos radicais existentes na internet.

Um exame, com alguma profundidade, do perfil atual do fenômeno terrorista permite concluir que não é a surpreendente resiliência que garante a manutenção da ameaça terrorista, apesar do imenso aparato militar, tecnológico e de inteligência mobilizado pelos países centrais para a sua destruição.

As principais causas para o recrudescimento do terrorismo têm base na prolongada ocupação do Iraque e do Afeganistão e nos bombardeios aéreos de áreas tribais do Paquistão e Yemen, com muitas vítimas inocentes. Além disso, têm raiz na falta de compreensão dos valores fundamentais da cultura, história e religião dos povos islâmicos e árabes, e no crescente preconceito, do qual deriva a irracional “islamofobia”. O tratamento diferenciado em relação aos países do Oriente Médio; o profundo sentimento de desamparo palestino e a sensação de injustiça com relação aos direitos nacionais na região somam-se aos fatores críticos para a manutenção do problema.

A crença militante de que está em curso um choque de civilizações, como defende Samuel Huntington (3), somente fortalece aqueles que, também nos países islâmicos, acreditam na existência de dois campos opostos: de um lado os “crentes” e, do outro, os denominados “cruzados” e seus “aliados sionistas”. A “divisão do mundo” em campos opostos favorece as posições defendidas pelos extremistas de ambos os lados e é tão equivocada quanto à dissipada tese do fim da História(4), há alguns anos apresentada, quando do colapso do socialismo real na Europa.

Deste modo, cair na tentação fácil de associar o Islã como um todo ao terrorismo é uma fórmula simplista e sem fundamento, que somente contribui para agravar a questão.

Nesse contexto, como fica o Brasil? É, afinal, possível a ocorrência de atentados no Brasil, um país com oito milhões de árabes e seus descendentes e cerca de um milhão de islâmicos, segundo dados da *World Assembly of Muslim Youth* (WAMY), e onde a tolerância e a integração são fatores de força e não de fragilidade nacional?

Com efeito, poucos países no mundo detêm um estágio tão avançado de integração entre etnias, nacionalidades e confissões religiosas como o Brasil. Há mais descendentes de libaneses no Brasil que a própria população do Líbano, o que faz com que, em nosso país, as comunidades síria e libanesa tenham grande importância política, econômica e cultural. Em função disso é que se mostra de todo incompatível trabalhar com listas de organizações terroristas, porque não é admissível impedir a visita a essas comunidades de parlamentares eleitos pelo *Hizb'allah*, afinal um partido legal e com representatividade na assembléia nacional libanesa. (5)

Da mesma forma, mostra-se difícil precisar a diferença entre a contribuição devida por todo islâmico, a título de “*zakat*”(6), e remetida para o Líbano ou outros países, bem como as remessas financeiras que todos os imigrantes fazem para as famílias que continuam na terra natal, e supostas ações de contribuição financeira ao terrorismo.

Como sabemos, brasileiros já foram vítimas de atentados terroristas: estiveram entre as vítimas do World Trade Center, em Nova York, em 11 de setembro de 2001; um sargento brasileiro a serviço da ONU, estava entre as vítimas em Bali; havia brasileiros nos trens de Madrid, em 11 de março de 2004; e brasileiros foram vítimas no Iraque, em Bagdá e em Beiji. Não foram vítimas por serem brasileiros, mas, em função de ações de terrorismo indiscriminado, foram atingidos por serem circunstantes, isto é, por estarem circunstancialmente nos sítios de atentados, como poderiam estar também, como turistas, em outros locais onde ocorreram ações terroristas, como no Balneário de Sharm El-Sheik ou no sítio histórico de Luxor, ou mais recentemente, em Estocolmo, por exemplo.

Atentados, em tese, podem ocorrer no Brasil, em função das condições de presumível vulnerabilidade e permeabilidade das extensas fronteiras nacionais e da existência de alvos potenciais em número significativo.

Assim, o Brasil pode ser, sempre em tese, palco de um atentado contra alvos tradicionais do terrorismo aqui estabelecidos (representações diplomáticas, estabelecimentos religiosos, culturais e educacionais de comunidades-alvo) ou em trânsito (autoridades estrangeiras em visita ou com presença temporária). Atentados podem acontecer por ocasião de grandes eventos, que proporcionem alta visibilidade, como a visita do Papa em 2013, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, a Copa de 2014 ou os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro. Podem, ainda, visar as infraestruturas estratégicas do país ou, em outra situação, buscar atingir autoridades ou personalidades importantes, produzindo comoção nacional.

Por sua vez, tentativas de magnicídio já ocorreram na História do Brasil (7), não somente por motivos políticos, mas também por impulsividade ou razões psicológicas, isto é, quando o praticante, agindo por impulso, busca notoriedade súbita ou associar seu nome ao da vítima ilustre(8).

Embora não tenha – felizmente – sido alvo direto ou mesmo palco de atentados, como a vizinha Argentina, em 1992 e 1994 (9), o Brasil, assim como outros países, pode-se dizer, tem sido atingido pelas conseqüências das medidas antiterroristas adotadas pelos países centrais, com custos significativos em termos de investimentos nas áreas de segurança, visando a adequação de portos e do transporte marítimo e de aeroportos e aeronaves, bem como de produtos de exportação, notadamente alimentos para os EUA (10).

Em função da ameaça difusa do terrorismo, há, hoje em dia, uma clara percepção da importância da segurança multidimensional na agenda internacional, bem como consciência de que as relações internacionais não podem mais deixar de contemplar as ações de determinados atores não estatais (11). Ao mesmo tempo, se fortalece a convicção de que as medidas antiterroristas devem ser praticadas mesmo por aqueles países ainda não atingidos pelo fenômeno.

Embora exaustivamente investigadas, inexistem, até aqui, evidências concretas acerca da presença permanente ou da utilização do território nacional como área de recrutamento, financiamento ou mesmo para o homizido de terroristas procurados internacionalmente.

Claro está que na Argentina, antes do atentado de 1992, também inexistiam indicadores de sua futura ocorrência, assim como em Bali e em Madrid, antes dos atentados ali ocorridos, respectivamente, em 2002 e 2004. Em consequência, não se deve desqualificar liminarmente a possibilidade de que tais situações possam vir a acontecer no futuro, notadamente em vista dos mencionados megaeventos desportivos previstos para os anos vindouros. Como afirmou certo especialista internacional, “*o Brasil não tem tradição de terrorismo, mas as Olimpíadas têm...*”.

Assim, sem alarmismo, avulta de importância a adoção em tempo oportuno, de medidas antiterroristas, visando prevenir tal ameaça. Entre tais medidas, despontam o aperfeiçoamento dos controles e a maior fiscalização de fronteiras e estrangeiros em trânsito; a adequação da legislação pertinente, em decorrência da plena adesão às Convenções internacionais e às iniciativas multilaterais, no sentido de restringir ou neutralizar o apoio ao terrorismo, em especial o seu financiamento e a movimentação de suspeitos, sem falar da sua necessária tipificação criminal, carência de que se resente o ordenamento jurídico pátrio.

No plano administrativo, são fundamentais: a reativação do Centro de Coordenação das Atividades de Prevenção e Combate ao Terrorismo (CPCT), criado em 9 de junho de 2009 e desativado em 7 de fevereiro de 2011, de modo a proporcionar a maior integração entre os vários setores que, na esfera federal, se ocupam desse tema; e o fortalecimento da capacidade operacional da ABIN, de modo a dotá-la dos recursos necessários ao cumprimento efetivo de suas atribuições legais.

O resultado do esforço conjugado será o conseqüente fortalecimento da capacidade do Estado para prevenir a potencial ocorrência de ações terroristas em território brasileiro ou contra interesses nacionais no exterior, com o aumento da confiança internacional no que concerne à tão necessária segurança para os grandes eventos que serão realizados em nosso país nos anos vindouros.

Comandante de Inteligência Márcio Paulo Buzanelli

Notas:

- (1) “*Understanding Terror Networks*” - University of Pennsylvania Press – 2004.
- (2) “*Madrassas*”: escolas de estudos corânicos.
- (3) “*O Choque das Civilizações*” – Samuel Huntington.

(4) “*O Fim da História e o Último Homem*” - Francis Fukuyama.

(5) O “*Hizb’allah*” e organizações politicamente associadas obtiveram 57 das 128 cadeiras em disputa no Parlamento libanês, nas eleições de maio de 2009.

(6) “*zakaat*” é a contribuição anual e espontânea devida por todo islâmico, segundo suas posses. Não se trata de caridade. Constitui um dos cinco pilares do islamismo, ao lado da “*shahada*” (o credo ou testemunho); “*salat*” (as cinco preces diárias); o “*hajj*” (a peregrinação a Meca); e o “*sawn*”, a abstinência no mês do “*Ramadã*”.

(7) O Imperador Dom Pedro II foi alvo de um atentado a tiros em 15 de julho de 1889, quando saía do Teatro Santana, no Rio de Janeiro. Em 5 de novembro de 1897, o Presidente Prudente de Moraes foi vítima de uma tentativa de assassinato quando passava em revista tropas que retornavam da Campanha de Canudos, no Rio de Janeiro. Na ocasião, atravessando a frente do assassino (soldado Marcelino Bispo), em defesa do presidente, foi atingido mortalmente o então Ministro da Guerra, Marechal Machado Bittencourt, depois Patrono do Serviço de Intendência do Exército. O Presidente Sarney quase foi vítima de um atentado frustrado, quando, em 29 de setembro de 1988, um desempregado seqüestrou um avião da VASP, planejando lançá-lo contra o Palácio do Planalto, em uma ação carregada de simbolismo, em protesto contra o Plano Cruzado, da qual foram vítimas dois tripulantes e o próprio seqüestrador, afinal dominado, quando a aeronave fez um pouso para reabastecimento em Goiânia.

(8) John Wilkes Booth tornou-se famoso por assassinar o Presidente Lincoln, assim como Mehmet Ali Agca por atirar no Papa João Paulo II; Sirhan Sirhan (Robert Kennedy) e, certamente o mais famoso, Gavrilo Princip, o assassino do Arquiduque Franz Ferdinand de Habsburgo, em Sarajevo, em 28 de junho de 1914, em ação que, associada a outras, desencadeou a I Guerra Mundial.

(9) Respectivamente, atentados contra a Embaixada israelense em Buenos Aires, em 12 de março de 1992, e contra a Associação Mutual Israelense-Argentina, em 16 de julho de 1994.

(10) Respectivamente, as imposições da IMO (ISPS-Code) e da OACI e as determinações do Bioterrorism Act, nos EUA.

(11) Como, no chamado Grande Oriente Médio, a *Al-Qaeda* e suas “*franquias*”, entre outros.